

ID: 108750848

22-12-2023

# “Quanto maior a desigualdade, maior a propensão para as teorias da conspiração”

**Jolanda Jetten** A professora da Universidade de Queensland, Austrália, desmonta impacto da desigualdade na vitalidade de uma sociedade

## Entrevista

**Ana Cristina Pereira**

Oriunda dos Países Baixos, Jolanda Jetten esteve no início de Novembro na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, onde proferiu uma conferência e orientou uma oficina. Nos estudos internacionais em que tem participado sobressai a ideia de que o efeito da desigualdade de rendimentos não se esgota no bem-estar e na saúde física e mental, estendendo-se à vitalidade política da sociedade. **De que fala quando fala em teorias da conspiração?**

As teorias da conspiração são teorias sobre acontecimentos. Têm em comum a recusa da explicação oficial. Assentam na ideia de que há forças poderosas que se unem secretamente para impulsionar um conjunto de objectivos e que estamos todos no escuro. No 11 de Setembro de 2001, por exemplo, desenvolveu-se a teoria de que os ataques foram um trabalho interno – da CIA, do FBI, não da Al-Qaeda. Quando a princesa Diana teve o acidente [em 1997, em França], desenvolveu-se a teoria de que afinal não morreu, quis desaparecer e mora numa ilha qualquer. A ideia é que estamos todos a ser enganados. E que estas pessoas têm a explicação verdadeira.

**Há contextos propícios?**

Frequentemente ocorre em momentos de muita incerteza. Perante acontecimentos excepcionais, como o 11 de Setembro ou a pandemia de covid-19, precisamos de uma explicação. Sentimos que o mundo está fora de controlo. As teorias da conspiração costumam ser uma forma de tentar ganhar algum controlo.

**Sempre existiram, mas agora há as redes sociais e o funcionamento em bolha...**

Sim. Antes, as pessoas iam ler o jornal e encontravam notícias feitas com base em fontes credíveis, verificação de factos. Agora, as “notícias” chegam de todos os lados. Toda a gente tem uma voz. Uma pessoa partilha qualquer coisa e essa qualquer coisa torna-se “uma realidade”.

**Há factores individuais que tornam as pessoas mais vulneráveis?**

A investigação começou por se focar nos factores individuais. Sabemos, por exemplo, que as pessoas menos instruídas têm maior probabilidade de acreditar em teorias da conspiração. Têm mais tendência para seguir a intuição, para ser menos analíticas. Mas isso só influencia até certo ponto. Muitas vezes, os contextos de grupos e colectivos são mais importantes.

**Nos estudos em que tem participado, emerge a influência de macrofactores, como a desigualdade de rendimentos...**

Existe agora boa prova científica de



que quanto maior a desigualdade económica, maior a propensão para as teorias da conspiração. As sociedades tornam-se mais competitivas, as pessoas confiam menos umas nas outras. Isso é válido para a desigualdade objectiva, mas mais ainda para a desigualdade percebida.

**Nos vários países analisados, Portugal incluído, há grande disparidade entre desigualdade objectiva e desigualdade percebida. Como interpretar esta diferença?**

Em muitos estudos realizados até à data, os efeitos da desigualdade são examinados a partir de indicadores objectivos, como o índice de Gini [que mede a desigualdade na distribuição de rendimentos, numa escala que vai de um mínimo de zero a um máximo de 100]. Embora estes esforços sejam importantes, baseiam-se no pressuposto de que, se a desigualdade for grande, as pessoas irão percebê-la. Isto não é necessariamente verdade: as

pessoas umas vezes subestimam colectivamente a desigualdade e outras vezes sobrestimam colectivamente a desigualdade. Há várias razões pelas quais isso pode acontecer. Uma explicação possível é: as pessoas simplesmente não dão pela desigualdade na sua vida quotidiana porque não estão expostas a ela e, portanto, subestimam-na. Este é o caso de quem vive em mundos altamente segregados (os bairros ricos estão muito separados das áreas pobres). Há também provas de que as pessoas não querem ver a desigualdade, especialmente as pessoas mais ricas que beneficiam dela. Ao negarem que existe desigualdade, as pessoas ricas podem continuar a acreditar que o mundo é justo e equitativo. Há ainda outra explicação: não vemos desigualdade quando acreditamos que as diferenças são legítimas e justas. Isto é, se acreditarmos colectivamente que os ricos são ricos porque são mais

inteligentes ou trabalham mais do que os pobres, é menos provável que prestemos atenção à desigualdade real, que possamos subestimá-la.

Quando as pessoas percebem que a desigualdade é o resultado da aquisição injusta de riqueza – como a corrupção, a fraude, a exploração e o nepotismo –, é provável que reajam de uma forma muito diferente, que vejam a desigualdade onde ela existe.

**Diz que a percepção de desigualdade é melhor predictor social do que a desigualdade objectiva. Pode explicar?**

Para os psicólogos sociais, o que importa não é tanto o nível real de desigualdade, mas as percepções de desigualdade e, em particular, se essas percepções são partilhadas colectivamente. Não é tanto o mundo como ele é, mas o mundo que percebemos que está subjacente às respostas que damos. Sabemos que são estas percepções subjectivas partilhadas colectivamente que explicam toda

SERGIO AZENHA



**Jolanda Jetten associa teorias da conspiração com "contextos de muita incerteza"**



**Se acreditarmos que os ricos são ricos porque são mais inteligentes ou trabalham mais, é menos provável que prestemos atenção à desigualdade**

uma gama de fenómenos como, por exemplo, a acção colectiva, a hostilidade intergrupala, os estereótipos.

**Estabelece uma relação entre desigualdade e menos confiança generalizada, menos confiança política, mais anomia, mais sensação de que o mundo é perigoso, mais angústia colectiva, desesperança, desamparo. E menos mobilidade individual, menos ligação à sociedade, mais oposição à imigração, mais procura de um líder forte. Como é que a desigualdade pode ter tantos efeitos sociais?**

Argumentamos que é a anomia que está na raiz destes efeitos negativos, na medida em que níveis mais elevados de desigualdade económica provocam sentimentos de anomia. Isso pode mudar as respostas das pessoas a um estilo particular de liderança: líderes que prometem que podem restaurar a ordem e controle. Ou seja, quanto mais as

pessoas acreditam que há um colapso da ordem social (anomia), mais ficam inclinadas a acreditar que há necessidade de um líder forte que assuma o comando e prometa consertar as coisas, não importa como. Da mesma forma que uma maior desigualdade económica desestabiliza a sociedade, também está associada a outros fenómenos que reflectem incerteza, percepções de ameaça a nível colectivo, falta de controlo e instabilidade. Especificamente, há razões para acreditar que a elevada desigualdade está associada a uma maior crença em teorias da conspiração. O nosso raciocínio é consistente com um conjunto crescente de trabalhos que sugerem que as crenças conspiratórias são uma resposta a necessidades psicológicas ameaçadas. As pessoas podem gravitar em torno de crenças conspiratórias devido à promessa de que oferecem respostas aos desafios epistémicos, existenciais e sociais.

**Portugal é um dos membros da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico com maior desigualdade económica [o índice de Gini estava nos 33,7% em 2022]...**

Sim. Estive a conversar com os meus colegas de Portugal sobre isso. É muito alto. Uma das explicações prováveis é haver imensas pessoas com rendimentos mais baixos e algumas pessoas muito ricas. O sistema tributário também pode contribuir.

Disseram-me que a situação está a mudar. Nas últimas décadas, houve muitos investimentos na educação e isso ajuda a nivelar, mas, ainda assim, está muito alto.

**Nivelou pouco [recuando dez anos, o índice de Gini estava nos 34,2%]...**

Também há fuga de cérebros. As pessoas saem porque os salários são baixos e os custos das casas altos.

**Os níveis de desigualdade sempre foram muito elevados, mas [em 50 anos de democracia] só recentemente ganharam visibilidade alguns dos efeitos que menciona...**

Às vezes, é só quando as pessoas percebem que há desigualdade. Essa consciência aumentou com a crise financeira global de 2007/2009. Escreveram-se muitos livros sobre o assunto. Muitos líderes mundiais chamaram a atenção para isso. A quantidade de artigos cresceu exponencialmente. Provavelmente, durante muito tempo pensamos: "OK, é assim que as coisas são, há elevados níveis de desigualdade." Com a crise financeira global, começámos a dizer: "Não é justo." A consciência sobre a desigualdade está a crescer. Os líderes estão a falar cada vez

mais sobre isso porque começa a ser algo com que as pessoas se preocupam.

**E agora o Governo caiu, no meio de uma suspeição de corrupção. Tudo se conjuga para o desenvolvimento de teorias da conspiração?**

Este é um terreno muito fértil para que teorias da conspiração surjam, especialmente nas redes sociais.

Veja-se o que aconteceu nos Estados Unidos. Donald Trump está a ser investigado por todo o tipo de irregularidades e diz que são os democratas que estão a tentar derrubá-lo. Não conheço a situação em Portugal, mas presumo que também haja este tipo de pensamentos por aí. Aconteceu mesmo ou é apenas uma jogada da oposição?

As pessoas que gostam do primeiro-ministro terão mais tendência e vê-lo como vítima e a pensar que talvez haja algumas forças tentando derrubá-lo. As que não gostam dele terão propensão para pensar que fez algo de errado. Então é claro que depende muito do lugar em que cada um se posiciona.

**Como pode a sociedade proteger-se de teorias da conspiração?**

Acho que os *media* têm um papel importante a desempenhar, mas também os líderes. Trata-se de transparência. Isso é extremamente importante. Se algo

está a acontecer e não partilham informação, então abre-se espaço para teorias da conspiração.

Portanto, trata-se de transparência e de liderança, de líderes em quem se possa confiar. Os *media* podem ajudar, divulgando informação verificada. Mas quem está *online* tem as suas câmaras de ressonância. Tendemos a procurar informações que combina com as nossas crenças, podemos não nos expor a informações que não se enquadram com as nossas. É complicado.

**A percepção da desigualdade económica pode gerar pensamento conspirativo, mas também pode motivar acção colectiva para alcançar maior redistribuição de riqueza?**

Sim. E é um grande avanço que as pessoas estejam mais conscientes das desigualdades. As pessoas também são mais propensas a querer uma acção colectiva. Também é provável que votem em políticos que, em vez de dizer que todos os impostos deveriam diminuir, digam que os impostos deveriam aumentar para os super-ricos, porque as pessoas sentem que algo precisa de ser reequilibrado. Cerca de 63% da nova riqueza criada entre 2020 e 2021 foi para 1% dos mais ricos. Os 90% que estão na base ficaram com 10%. Esses são dados da Oxfam [*Survival of the richest, 2023*] que anda há anos e anos a falar sobre isto.